

## O QUE A FRANÇA CONHECIA SÔBRE O BRASIL NO SÉCULO XVIII

AROLDO DE AZEVEDO

Na Europa do século XVIII, pelo menos cinco Enciclopédias tiveram larga repercussão: duas em língua inglesa, duas francesas, uma alemã.

A primeira intitulava-se *Cyclopaedia or an Universal Dictionary of Arts and Sciences* e compreendia 2 volumes *in-folio*. Foi organizada por EPHRAIM CHAMBERS e publicada em Londres no ano de 1728.

A segunda — *Grosses Vollständiges Universal Lexicon*, compreendia 64 volumes e foi dirigida por JOHANN HEINRICH ZEDLER. Sua publicação estendeu-se de 1732 a 1750, tendo sido impressa em Leipzig.

A terceira foi a mais famosa das cinco — a *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, organizada por uma sociedade de homens de letras e posta em ordem e publicada sob a direção de DIDEROT e D'ALEMBERT. Inicialmente inspirada na "Cyclopaedia" de Chambers, acabou por ultrapassá-la de muito, pois constituiu-se de 17 volumes, publicados entre 1751 e 1766, além de 11 volumes de pranchas e mais 5 volumes suplementares, entregues ao público em 1777.

A quarta — a *Encyclopaedia Britannica or Dictionary of Arts and Sciences*, foi organizada por A. BELL e C. MACFARQUHAR, sendo constituída por 3 volumes, publicados em Edimburgo no ano de 1771. Em sua segunda edição (1778-83), ampliou-se para 10 volumes; e, na terceira (1788-97), para 18 volumes.

A quinta tomou por base a "Encyclopédie" de Diderot e d'Alembert, intitulando-se *Encyclopédie Méthodique ou par ordre de matières*. Organizou-a "une société des gens de lettres, de savans et d'artistes", sob a

direção de CHARLES JOSEPH PANCKOUCKE, que deu início à sua publicação em 1781 e reestruturou seu plano em 1788, daí resultando a publicação de 166 volumes, o último dos quais em 1832. Além de verbetes retirados da "Encyclopédie" de Diderot e d'Alembert, contou com a colaboração de alguns sábios da época: Cloquet, Daubenton, Fourcroy, Lalande, Lamark, Latreille, Quatremère de Quincy, Vauquelin, Vicq-d'Azyr.

O Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo acrescentou, ao seu patrimônio, os sete volumes referentes à parte geográfica dessa *Encyclopédie Méthodique*, publicados em Paris entre 1785 e 1792.

Pareceu-nos interessante consultá-los, com o objetivo de registrar tudo quanto se refere ao Brasil. Para o caso, dos volumes citados apenas interessam os de números I (1785), II (1790) e III (1791), referentes à Geografia Moderna, além do Atlas (1789), organizado por Bonne e Desmarest, que foram manipulados pela Lic. KIKUKO ABE, funcionária do Instituto de Geografia, a quem devemos os subsídios aqui apresentados dentro da ordem que nos pareceu mais lógica.

O interesse dessa pesquisa bibliográfica reside no fato de que, como é justo supor, as informações contidas em tais volumes devem espelhar os conhecimentos acumulados e a cultura de fins do século XVIII, pelo menos em relação à França, mas possivelmente também em relação à parte da Europa até onde a influência dos enciclopedistas conseguiu alcançar.

Da análise dos verbetes referentes ao Brasil e do mapa da América Meridional (aqui reproduzido), uma conclusão ressalta com grande evidência: o muito pouco que se conhecia, em França, a respeito de nosso país, na segunda metade do século XVIII.

### O BRASIL COMO UM TODO

De acôrdo com a obra em foco, o Brasil correspondia a uma grande região da América Meridional, limitada ao norte e a leste pelas águas do mar — o *Mar do Norte* ("Mer du Nord") e o *Oceano Meridional* ("Océan Méridional"), correspondentes ao Oceano Atlântico. Para oeste, ficavam a *Região das Amazonas* ("Pays des Amazones") e o *Paraguai* ("Paraguay"), ambos considerados como outras regiões sul-americanas, com as quais o Brasil fazia fronteira.

Nosso país era considerado muito rico, com solos férteis para a cultura da cana-de-açúcar, e dispunha particularmente de duas riquezas vegetais: o pau-brasil e a copaíba ("copaiba").

Viviam em nossas terras muitas aves, variadas em suas plumagens e por seu canto (como beija-flores, canários e papagaios), além de macacos e de serpentes de todos os tamanhos.

Minas Gerais ("Minas Geraes" ou "Les Mines") correspondia à grande fornecedora das maiores riquezas, gozando de um "clima bom, embora quente".

De acôrdo com os responsáveis pela obra, os Espanhóis chegaram ao Brasil no ano de 1500, mas o português Álvares Cabral tomou posse da terra para seu Rei em 1501, dando-lhe o nome de *Santa Cruz* ("Sainte-Croix"). Na época, constituía um Principado dividido em 15 Capitánias, das quais 8 pertenciam diretamente ao Reino de Portugal e as 7 restantes eram propriedade de particulares, que haviam custeado o estabelecimento de núcleos coloniais, embora estivessem sob a autoridade do Vice-Rei.

### GOVERNOS, PROVÍNCIAS E CAPITANIAS

A obra demonstra certa insegurança na distinção que faz entre os *Governos*, as *Províncias* e as *Capitánias*. Ao recolher as informações nela contidas, para êste aspecto e para outros que a seguir abordaremos, procuraremos ser fiéis à grafia dos nomes, a fim de lhes dar maior autenticidade.

No mapa da América Meridional, o Brasil aparece compreendendo 7 *Governos* ("Gouvernement"), a saber: *Maranon* (Maranhão), *Fernambouc* (Pernambuco), *Bahia*, *Goyaz* (Goiás), *Minas Geraes*, *Rio Janeiro* (Rio de Janeiro) e *St. Paul* (São Paulo). Já a Região das Amazonas conteria um só: o do *Pará*; e o Paraguai também um: o de *Matto Grosso*.

No verbete geral referente ao Brasil, as *Capitánias* foram reunidas em dois grupos:

(a) as da costa norte — *Pará*, *Maranhan* ou *Maragnon* (Maranhão) e *Siara* ou *Ciara* (Ceará);

(b) as da costa oriental — *Rio Grande do Norte*, *Parahyba*, *Tamaraca* (Itamaracá), *Pernambouc* ou *Fernambouc* (Pernambuco), *Sérégippe* (Sergipe), *Bahia de Todos os Santos*, *Rio de Iléos* (Ilhéus), *Puerto Seguro* ou *Porto Seguro*, *Spiritu Santo*, *Rio Janéiro*, *Saint Vicente* (São Vicente) e *Del Rey* (extremo sul?).

Entretanto, através dos verbetes autônomos que figuram na obra, outras seriam as distinções:

(a) PROVÍNCIAS — *Maragnon*, *Pernambouc*, *São Vicente* e *São Paulo*;

(b) CAPITANIAS — *Para*, *Siara*, *Rio Grande* (do Norte), *Tamaraca*, *Puerto Seguro* e *Spirito Sancto*.

Brasileiras seriam também outras "regiões", como a de *Tapouytapere* (Tapuitapera, no Maranhão) e a das *Minas*.

Em relação a essas unidades político-administrativas, de modo geral as referências são concisas e superficiais. Resumem-se a dar a localização, os limites, os habitantes (nativos ou não), as capitais, os fortes, os principais produtos, os portos — conforme o caso.

Para umas poucas, oferecem informações algo mais pormenorizadas. A província de *São Paulo* ("Saint Paul"), por exemplo, seria limitada pelo rio Sapucahy e por "montanhas que vão em busca das cabeceiras do Iguassu"; a oeste, pelos rios Paraná, Grande e das Mortes; e a leste, pelo mar. Sua população era constituída por 32.126 índios, 11.093 brancos e 8.927 negros ou mulatos. Enviava para a Europa um pouco de algodão e farinha, além de carne salgada para o Rio de Janeiro. O cânhamo, o linho e a sêda poderiam vir a tornar-se riquezas da província paulista.

Já a Região das Amazonas ("Pays des Amazones") ocupava uma vasta área, limitada ao norte pela linha equinocial, que passava entre ela e a "Terra-Firme" (Venezuela). A leste, limitava-se com o Brasil; ao sul, com o Paraguai; e a sudoeste, com o Peru.

### ASPECTOS FISICOS

Neste particular, a Enciclopédia fornece pouquíssimas informações: uma só baía, três lagos, vários cabos, ilhas e rios. Nada sôbre o relêvo, o clima e a vegetação, salvo, neste último caso, a citação dos *Campos de Paresis* (Campos dos Parecis), incluída no mapa da América Meridional.

A única BAIÁ mencionada é a de *Tous les Saints* (Todos-os-Santos), que exclusivamente aparece no citado mapa.

Quanto aos LAGOS, no mapa figuram a lagoa *Mirim* e a dos *Xarayes*, e no texto um problemático *Lago do Mar* ("Lac de la Mer"), evidentemente de difícil identificação, embora talvez possa ser a Lagoa dos Patos.

Apenas cinco CABOS são referidos: os de *Orange* ("C. d'Orange"), do *Norte* ("C. du Nord"), de *Santo Agostinho* ("Saint Agustin"), *Frio* ("Cap Froid" ou "Cabo Frio") e de *São Roque* ("Saint Roch").

Dentre as ILHAS, são citadas: *Caviana*, *Marajó* ("Joanes"), *Maranhão* ("Maragnon" ou "Marannon"), *Itaparica* ("Tapariga"), *Abrolhos* ("Abrolés" ou "Abrehollos"), *Martim Vaz* ("Martin Vas", a menor do grupo da Trindade), *Bertioga* ("Britioga"), *São Vicente* ("Saint Vincent") e *Santa Catarina* ("Ste. Catherine").

Em relação aos RIOS, as divergências entre o texto e o mapa da América Meridional são sensíveis.

De acôrdo com os verbetes, quatro estariam fora do território brasileiro: o *Amazonas* ("Rivière des Amazones"), o *Negro*, o *Branco* ("Bianco")

e o *Paraná*. Todavia, no mapa, outros figuram na Região das Amazonas: o *Japurá* ("Yupura"), o *Içá* ("Ica ou Parana"), o *Araza* (que, pela localização no mapa, parece corresponder ao Purus), o *Tapajós* ("Tapuyos"), o *Xingu* ("Xingu" ou "Chingou"). Nos domínios do Paraguai estaria o rio *Paraguai* ("Rivière du Paraguay"), oriundo do Lago *Xarayes*. E em terras da Argentina ("Buenos Ayres") ficaria o *Uruguai* ("Urugay").

Em terras pròpriamente brasileiras estariam localizados: o *Tocantins* ("Rivière des Tocantins", que teria um afluente — a "Rivière de la Palma"), o *Parnaíba* (erròneamente grafado como "Paranayba"), o *São Francisco* ("S. François") e o *Tietê* (nãõ citado nominalmente, mas de fácil identificação no mapa). Além dèsses, outros aparecem mencionados no texto: o *Muju* (?), o *Rio-Grande* (desaguadouro da Lagoa dos Patos), o *Real* ("Réal"), o *Sergipe* ("Sérégippe"), o *Araçai* (?) e um suposto *Rio de Janeiro* ("Rio Janéiro" ou "Rivière de Janvier"), correspondente à baía de Guanabara.

Relativamente a alguns dèsses cursos d'água, há rápidas informações, com indicações quanto à localização, cabeceiras e curso.

Só excepcionalmente os dados apresentam-se com caráter mais analítico. Neste caso encontra-se o *Xingu*, rio da América Meridional, "que toma sua fôrça nas minas do Brasil (...) e atinge o Amazonas, entre os fortes de Paru e de Curupa, por várias bôcas". Em sua confluência, teria uma légua de largura. Seria o mesmo rio que o P. d'Acunha chamara de Paranahyba e o P. Fritz, em seu mapa, de Aoripana. A exemplo do Topayos (Tapajós?), descia das minas do Brasil. Possuía uma queda d'água a sete ou oito dias de viagem a montante de sua foz, o que não impedia pudesse ser navegado em canoas por uma 200 léguas, pelo menos. Na verdade, porém, essa viagem demorava mais de dois meses. Suas margens eram ricas em duas espécies de árvores aromáticas — o *cuchiri* e o *puchiri*. Os frutos dessas árvores seriam quase do tamanho de uma azeitona, devendo-se raspá-los como se fazia com a noz-moscada, a fim de servirem para os mesmos usos. A crosta do fruto do *cuchiri* tinha o sabor e o cheiro do cravo-da-índia, que os Portuguezes denominavam simplesmente de cravo.

É de se admirar a pouca ou nenhuma atenção para rios como o São Francisco, o Paraíba do Sul e o Tietê, por exemplo.

Dentre os acidentes citados, mereceu uma descrição mais pormenorizada a ilha do *Maranhão*, localizada na Capitania do mesmo nome, povoada e que abrangia um perímetro de 45 léguas. Alongava-se do equador para o sul, até 2° 30' de latitude, e achava-se a 323° de longitude. Nela haviam os Franceses fundado a cidade de *Maragnan* (São Luís), pequena e fortificada, dispendo de um pôrto; sua diocese estava subordinada à da cidade do Salvador. Nas vizinhanças existiam várias aldeias, caracterizadas pela presença de cabanas feitas de troncos unidos e cobertas com fôlhas. Suas

noites eram sempre iguais, não conhecendo nem o frio, nem a sêca. O solo era fértil, produzindo com abundância o milho e a mandioca, além de frutas durante o ano todo. Possuía um monte chamado Ibouyapap (?), de cujo cume se descortinava uma planície imensa (provavelmente a dos Perises). Nessa ilha viviam índios, com narinas e lábios furados, e que manejavam o arco e a flecha.

### AS CIDADES

Em relação aos núcleos urbanos, as informações não são menos escassas e deficientes. Muitos dêles figuram sòmente no mapa da América Meridional; outros, em reduzido número, aparecem com alguns pormenores mencionados no texto.

Poucos são os aglomerados urbanos incluídos na Amazônia, como é natural: *Pará* (Belém), *Fort de Rio Negro* (Manaus), *Macapá*, *Camuta* (Caeté), *Curupa* (Gurupá), *Paru*, *S. Paulo de Omaguas* (Benjamin Constant). A cidade de Belém possuía ruas bem alinhadas, bonitas igrejas, alegres casas de pedras e um forte; através de seu pôrto, mantinha comércio com Lisboa.

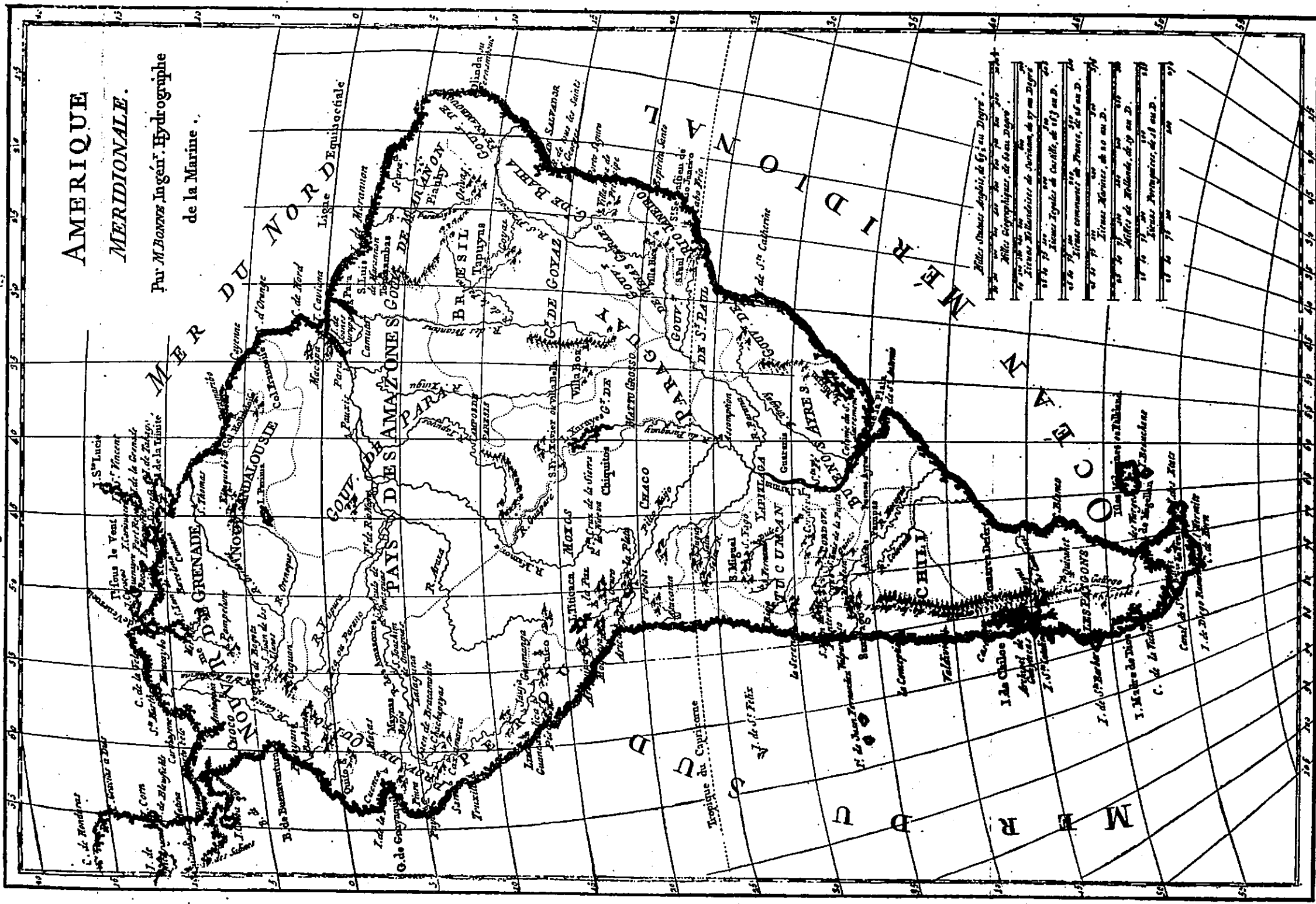
Do Meio-Norte, apenas dois são citados: *S. Luiz de Marannon* (São Luís) e *Oveias* (Oeiras).

Do Nordeste, os seguintes: *Seara* (Fortaleza), *Natal-los-Rejes* (Natal), *Paraíba* (João Pessoa), *Olinde*, *Olinda* ou *Fernambouc* (Olinda), *Sérégippe del Rey* ou *Saint Christophe* (São Cristóvão).

No Leste, figuram: *San Salvador* (Salvador), *Ilheos* ou *St. Georges* (Ilhéus), *Porto Seguro*, *Villa Nova do Principe* (Caetité), *Espiritu Santo* (Vitória), *Villa Rica* (Ouro Preto) e *St. Sebastien de Rio de Janeiro*.

Rio de Janeiro seria uma cidade rica, bela e grande, dispondo de uma Câmara de Justiça e de um convento dos Beneditinos, além de um forte à entrada do pôrto. Nela residia o Rei (Vice-Rei), por ser a capital.

A respeito do Salvador, os informes são mais minuciosos. Antiga capital, dispunha de casas altas (sobrados), construídas de pedra e apresentando grande luxo quanto ao mobiliário. Sua população era avaliada em 150.000 habitantes, em que se incluía um clero bastante numeroso. Tratava-se de um centro comercial, ponto de concentração de variadas mercadorias. Seu sítio não era muito vantajoso em virtude do desnível nêle existente, o que criava dificuldades para o transporte; por isso mesmo, suas ruas eram tortuosas. Em consequência, constituam os escravos os meios mais comuns de transporte, quer de pessoas como de mercadorias. Sede de uma arquidiocese, possuía ricas igrejas, um Colégio de Jesuítas e um forte. Suas mulheres saíam à rua muito raramente, a fim de assistir a cerimô-



**AMERIQUE  
MÉRIDIIONALE.**

Pur M. BONNEZ, Ingén. Hydrographe  
de la Marine.

- 1. Iles du Cap de Bonne-Espérance, de 67 au 71 gr.
- 2. Iles de Madagascar, de 66 au 70 gr.
- 3. Iles de Bourbon, de 21 au 23 gr.
- 4. Iles de France, de 47 au 51 gr.
- 5. Iles de la Réunion, de 21 au 23 gr.
- 6. Iles de la Comores, de 41 au 44 gr.
- 7. Iles de l'Inde, de 6 au 11 gr.
- 8. Iles de la Malaisie, de 1 au 11 gr.
- 9. Iles de la Sonde, de 1 au 11 gr.
- 10. Iles de la Chine, de 1 au 11 gr.
- 11. Iles de l'Asie, de 1 au 11 gr.
- 12. Iles de l'Australie, de 1 au 11 gr.
- 13. Iles de l'Amérique, de 1 au 11 gr.
- 14. Iles de l'Europe, de 1 au 11 gr.
- 15. Iles de l'Afrique, de 1 au 11 gr.
- 16. Iles de l'Asie, de 1 au 11 gr.
- 17. Iles de l'Australie, de 1 au 11 gr.
- 18. Iles de l'Amérique, de 1 au 11 gr.
- 19. Iles de l'Europe, de 1 au 11 gr.
- 20. Iles de l'Afrique, de 1 au 11 gr.

nias especiais e, particularmente, para irem às igrejas; mesmo dentro de casa, quase não eram vistas.

No Centro-Oeste, apenas dois aglomerados urbanos: *Villa Boa* (Goiás) e *S. Fr. Xavier ou Villa Bella* (Mato Grosso).

Da Região Sul, também somente dois são citados: *S. Paul* (São Paulo), que distava 13 léguas do mar e gozava de um "clima delicioso", achando-se situada "no meio de um campo favorável"; e *San Pedro* (Rio Grande), situado na embocadura do Rio Grande (?), a 32° de latitude e a 325° de longitude.

Eis tudo.

### OS INDÍGENAS

Em relação à nossa população indígena, bem ao contrário, as informações são relativamente abundantes, mas não menos confusas, aparecendo os nomes dos grupos quase sempre muito deturpados.

No verbete geral referente ao Brasil, a Enciclopédia acentua que nosso país era imperfeitamente conhecido em virtude do perigo representado pelas nações selvagens, constituídas por povos diferentes segundo a área, os costumes e as línguas. São as seguintes as nações ali citadas, respeitada a grafia do texto: os *Tapuias* (que abrangeriam mais de 60 "sociedades"), os *Graimuras* ou *Guaymuras*, os *Tupinaques* (Tupiniquins?), os *Pétivares* (Potiguares-), os *Tomomymes* (Tamoios?), os *Ouayanasses* (Guaianás?), os *Ouaitaguazes* (Cataguás), os *Poríés* (Puris?) — que constituíam "a mais pacífica das nações, tão inimiga da guerra quanto do gosto dos outros brasileiros pela carne humana" — os *Molopagues*, os *Motayes*, os *Lopins*, *Bilvaros* ou *Bilvares* (Jivaros?), os *Ouayanas* (Guaianás?) ou *Aonssés*, os *Ouétacas* (Goitacás?), os *Topinamboues* (Tupinambás?), os *Marjagas*.

Já nos verbetes autônomos, a relação é diferente: os *Homagues*, *Omaguas* ou *Aguas*, os *Motayes*, os *Obacatiaras*, os *Pétaguei*, os *Pétivares*, os *Tapuyas* ou *Tapuyes*, os *Tiguares*, os *Topayos* (Tapajós?), os *Tupinambas*, os *Tupiques* (Tupiniquins?), os *Vuayanassassones*, os *Vuaymasses* (Guaianás?), os *Vuaytaquasses* (Goitacás?), os *Amixores*, os *Aracuiés* ou *Aracuites*, os *Aryas*, os *Augarras*, os *Caripous* e os *Cabeludos* ("Chevelus") — em relação — os quais aparecem informes quanto à localização, tipo físico, alimentação, antropofagia, aldeias.

Das nações citadas no primeiro grupo, três seriam as mais bem conhecidas: os *Ouétacas* (Goitacás?), os *Topinamboues* (Tupinambás?) e os *Marjagas*.



Segundo os enciclopedistas, os Missionários já haviam conseguido fazer amizade com muitas dessas nações indígenas; mas os Portuguezes impediram que maiores progressos fôsem registrados nessa obra de pacificação.

Na ânsia de encontrar o ouro, os colonizadores haviam massacrado os índios que lhes opuseram resistência, ou os tinham transformado em escravos. Daí o ódio existente entre os indígenas em relação aos que os procuravam dominar. Esses povos tão maltratados só encontravam a felicidade na vingança contra os Portuguezes, não deixando escapar nenhuma oportunidade para combatê-los. Por isso mesmo, também, muitas dessas nações eram errantes, "fazendo do rochedo, da floresta, das montanhas inacessíveis o refúgio para a salvaguarda de sua independência".

Quase tôdas essas nações indígenas eram antropófagas e viviam em constantes guerras entre si. Apesar das possibilidades oferecidas pela natureza (pois, em muitas áreas, era suficiente "trabalhar um dia para se obter a subsistência de um ano"), o gôsto pela carne humana os levava sempre à guerra.

Preocupavam-se em engordar os prisioneiros e chegavam até a dar-lhes mulher, cuja presença era exigida no momento do sacrificio. Os próprios prisioneiros, antes de morrer, divertiam-se com os índios que os haviam aprisionado. "Longe de se amedrontar diante da aproximação de seu suplício, êle próprio narrava, altaneiro, seus feitos".

Esses nativos do Brasil eram robustos, valentes guerreiros, sempre alegres, pouco sujeitos a doenças, vivendo por longo tempo. Apreciavam particularmente os enfeites. Não possuíam religião, muito menos templos. De acôrdo com seus costumes, as irmãs ou filhas jamais podiam tornar-se suas espôsas; e o adultério era punido severamente. Não possuíam reis ou príncipes para governá-los; todavia, em caso de guerra, tinham seus chefes, escolhidos por sua bravura e experiência. Seus hóspedes eram sempre bem tratados.

\* \* \*

Em síntese, seria êsse o "retrato" do Brasil, esboçado para os homens cultos de seu tempo por uma das mais famosas Enciclopédias do século XVIII.